

ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES

Autora: Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI) – ci.di.nhampb@hotmail.com

Resumo: O presente artigo reflete, à luz das postulações freudianas, acerca das relações entre Literatura e Psicanálise, uma vez que esta possibilita aos literatos a criação de metáforas, as quais permitem ponderações e/ou despertam emoções por meio da “palavra”; enquanto aquela oferece referências a teoria da alma que pressupõe a “cura pela palavra”. De forma que ambas possibilitam análises de narrativas, ficcionais/reais, requerendo a atuação de um crítico literário/psicanalista, e interlocução com seres analisados, sujeitos/ personagens. Para tanto propõe-se a reinterpretação e atualização mitológica ao espaço e tempo propostos no texto dramático *Anjo Negro*, a cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XX. Analisa-se o perfil psicológico das personagens, Virgínia, Ismael e Ana Maria, por meio dos seus discursos, pensamentos e atos, os quais apontam para a incapacidade de conciliar princípio de prazer e princípio de realidade. A sexualidade é posta em discussão a partir do preconceito racial, pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos), interditos ao incesto e assassinato, propostos no Mito da Horda Primeva, bem como por meio de um estudo comparativo entre essa “Tragédia Carioca” e a Tragédia Grega *Édipo Rei*. Investiga-se as subjetividades em sofrimento a partir da ficção construída pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, evidenciando que por distanciar-se de temáticas históricas, propondo reflexões acerca do que lhe foi contemporâneo, o drama em análise é considerado de tese. Constatando, por fim, a existência de metáforas que permitem analisar as relações estabelecidas pelos sujeitos da natureza primitiva a civilizada.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Racismo, Sexualidade, *Anjo Negro*.

INTRODUÇÃO

Natural de Recife, carioca por adoção, Nelson Falcão Rodrigues concilia, em suas obras, memórias da infância, em Pernambuco, a representação da realidade vivenciada no Rio de Janeiro. Nascido em uma família de tradição jornalística, esse também foi o primeiro âmbito de atuação profissional do autor, o qual só descobriu o talento com a escrita criativa, devido o enfrentamento de dificuldades financeiras que o impulsionaram a dramaturgia; ofício desenvolvido com tal maestria, a ponto de ser considerado o maior dramaturgo de seu tempo.

Desenvolvendo uma escrita de cunho Realista, em pleno Modernismo, Nelson Rodrigues questiona, através de suas obras, a moral vigente na sociedade carioca em meados do século XX, deslocando a tragédia grega para a cidade do Rio de Janeiro, e transpondo sua experiência como repórter policial para o plano literário. Em uma postura de recriação da realidade, o supramencionado autor consegue se destacar por produzir sequenciais, trágicos e polêmicos sucessos, através da abordagem de temas considerados obscenos e imorais, o que lhe rendeu a alcunha de “anjo pornográfico”.

Pelo exposto, é oportuno caracterizar a dramaturgia Rodrigueana como de tese, tendo em vista que suas obras, seguindo um percurso semelhante ao romance e as novelas, propõem

afastamento da temática histórica, aproximando-se da realidade vivenciada no período em que foram escritas. De forma que o presente artigo visa traçar um paralelo entre literatura e psicanálise a partir do drama *Anjo Negro*; observando-se o perfil psicológico das personagens, as quais motivadas pelo racismo, ou por questões sexuais agem criminalmente.

Escrita em 1946, censurada e só encenada em 1948, a supracitada peça teatral, discutindo as reformas sociais, traz à tona comportamentos doentios, analisados sob a perspectiva do preconceito, próprio e alheio, a fim de apresentar, sob o viés psicanalítico, como as consequências da inaceitação impulsionam as personagens Ismael e Virgínia a esboçarem pensamentos, atos e palavras que não condizem com a civilização e seus interditos, pois estas se portam como seres humanos em estágio primitivo, desrespeitando os contratos sociais essenciais a uma convivência pacífica em comunidade, conforme constatado a partir das considerações de Freud (1927).

Considerado o “pai da psicanálise” o médico neurologista Sigmund Freud, nasceu na região da Morávia, território da atual República Tcheca, optando por enveredar pelos inéditos territórios psíquicos, até então considerados não científicos, ele desenvolveu uma teoria pautada nos estágios pré-consciente, consciente e inconsciente, bem como na associação e negociação entre Id, Ego e Superego, ousando ir de encontro com o pensamento hegemônico de sua época, que deixava a “critério de filósofos, místicos e charlatães” os mistérios da psique humana.”

Assim, evocando mitos da antiguidade clássica ou criando as próprias narrativas mitológicas, Freud, metaforiza e teoriza os fundamentos psicanalíticos; enfatizados neste estudo no tópico Mito e sociedade, onde expomos reflexões que denotam a importância do relato mitológico como propiciador da coesão grupal, haja vista seu caráter moralizante; na segunda seção intitulada Da literatura a psicanálise, dedicamo-nos a averiguar as possíveis relações entre o ficcional e o método terapêutico, postura de pesquisa essencial à identificação dos fenômenos edipianos em *Anjo Negro*, cuja discussão é desenvolvida no último segmento.

1. MITO E SOCIEDADE

É inegável que quando nos referimos aos mitos, por impulso, associamos essas narrativas às lendas, tendo em vista que as definições, apresentadas nos dicionários, os caracterizam como “fato, passagem em tempos fabulosos” (antigos, sem data), “tradição”, “alegoria”, “coisa inacreditável”; de maneira que os vocábulos se confundem pelo fato de ser conferido a ambos um caráter oposto à realidade.

No entanto, é pertinente elucidar, os supracitados relatos distinguem-se por serem-lhes atribuídos valores sociais diferentes, já que tratando de acontecimentos fantásticos, as lendas podem ser contadas por quaisquer pessoas, diferente dos mitos, aos quais é conferido o caráter sagrado de revelação:

Pastore (2012) lembra ser a palavra mito originária do termo grego *mythos*, derivado dos verbos *mytheio* — contar, narrar — e *mytheo* — contar, conversar. Na Grécia Antiga (do séc. VIII ao séc. VI a. C.), o sentido primordial de *mythos* era palavra ou discurso, configurados particularmente como narrativas das desventuras de deuses e heróis. Nesta época, *logos* e *mythos* não eram opostos, pois diziam respeito a um relato sagrado transmitido oralmente através das gerações. (WINOGRAD; MENDES, 2012, p. 226)

A partir da explanação, constatamos que Freud desviou-se da tendência que propôs a distinção entre o mítico e o racional, aproximando *Mythos* e *Logos* através do discurso psicanalítico, bem como que o caráter social do mito se relaciona tanto com a associação deste as estruturas vigentes, em determinadas sociedades, como a legitimidade vocal de quem enuncia.

Segundo Rocha (1996, p. 10) “O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”. Para além dessas definições, vale salientar que o mito não se trata de qualquer narrativa, mas daquelas que estão “na vida social, na existência” (ROCHA, 1996) e que carregam consigo “uma mensagem que não é dita diretamente, uma mensagem cifrada” (ROCHA, 1992, p. 12).

Assim, é possível verificar que os mitos não devem ser compreendidos literalmente, mas interpretados e transpostos para as diferentes realidades sociais, a exemplo do que fez Sigmund Freud ao propor os alicerces teóricos da psicanálise, método terapêutico que fundou. Atemporal esta remonta a primordiais mitos e textos dramaturgicos, da literatura ocidental, a fim de problematizar as relações estabelecidas pelos sujeitos da natureza primitiva a civilizada.

2. DA LITERATURA A

Etimologicamente, o prefixo “psic”, significa alma, o qual associado à palavra análise, por meio de um processo de justaposição, denomina o processo que tem por objetivo analisar o inconsciente, com o intuito de contribuir com a resolução de conflitos

concepção da psicanálise apenas como

curativa, sem um prévio conhecimento de sua constituição, pode suscitar questionamentos acerca de sua relação com a Literatura. Beckel (2004, pg. 2) argumenta,

Da literatura, a psicanálise toma referência, exemplos, extrai características que traçam o perfil de um autor, e por meio dela enriquece a própria teoria. Igualmente a psicanálise oferece aos literatos a oportunidade de utilizar novas metáforas, de aprofundar o processo de criação, de libertação do inconsciente.

Observadas as contribuições recíprocas, salientamos que é primordialmente considerar o uso da linguagem, que estreita os laços entre essas áreas, pois se a psicanálise pressupõe a “cura pela palavra”, a literatura reflete, emociona, representa e problematiza também através da palavra. De maneira que ambos os processos de análise pressupõem: um analista (psicanalista/crítico literário especializado ou não), um analisado (sujeito/obra/personagem) e uma narrativa (real/ficcional).

Isto posto, evidenciamos que o presente estudo visa verificar, através da análise do texto teatral *Anjo Negro*, as contribuições da psicanálise para a literatura, por meio da observação de conceitos e construção psicológica das personagens, em consonância com as proposições freudianas, levadas a público na primeira e segunda tópicos acerca do aparelho psíquico.

Aos apreciadores da mitologia grega, certamente, o prefixo “psic” é significativo, pois remonta a um dos mais famosos e sensíveis mitos da antiguidade clássica, a saber, Eros e Psiquê (o amor e a alma), narrativa que remete a eternidade, porém, como os seres humanos não herdaram a dádiva da imortalidade, tal qual os deuses do Olimpo, Freud se propõe a adentrar os mistérios do inconsciente através do mito Eros e Tântatos (amor e morte).

Consta no relato mitológico que certo dia Eros (cupido na mitologia romana) adormeceu em uma caverna, sob a ação de Hipno (deus do sono, irmão de Tântatos), de forma que suas flechas se espalharam misturando-se com as flechas da morte. Ao acordar o deus do amor recolheu-as levando, não intencionalmente, algumas que pertenciam a Tântatos. Assim, passou a desferir flechas de amor e de morte.

Esse mito metaforiza conceitos essenciais a teoria psicanalítica como a pulsão de vida (eros) e a pulsão de morte (tântatos), as quais refletem as contradições consideradas o cerne dos conflitos psíquicos, já que ambivalente, o inconsciente permite a simultaneidade dos opostos, conforme constatamos por meio da construção psicológica de Virgínia, personagem que vive, em relação ao esposo, o paradoxo: amar/odiar, querer/não querer.

Tal constatação torna-se perceptível apenas no desfecho do texto dramaturgico quando a protagonista, recusando a possibilidade de

libertação, daquele que há anos a mantinha prisioneira, opta por induzi-lo a ser cúmplice no aprisionamento, e conseqüente morte de sua filha; passando a gozar da total devoção do esposo após a destruição da rival que gerou, já que é notória a relação incestuosa entre Ismael e Ana Maria.

Essa relação amorosa permite-nos observar uma dupla concepção de incesto, a imaginária e a real. Por imaginária nomeamos a perspectiva do relacionamento entre pai e filha, pois se Ismael tinha ciência de que Ana Maria não era sua descendente, esta cresceu acreditando ser ele o seu pai. A outra perspectiva, referendada como real, diz respeito à relação existente entre tio e sobrinha, tendo em vista que da mesma forma que era consciente da não paternidade, Ismael tinha conhecimento de que Ana Maria constituía-se fruto da relação adúltera entre Virgínia e seu irmão, Elias, sendo, portanto, sua sobrinha.

É pertinente destacar, se no caso de Virgínia e Elias, é possível a proposição de que a afinidade parental não caracteriza o incesto, mas apenas a ruptura de um interdito social, já que, teoricamente, a partir do casamento há a adoção da família do cônjuge; no caso de Ismael e Ana Maria não há dúvida, o incesto concretiza-se, pois estes são parentes consanguíneos. Esse relacionamento amoroso ocasiona a ruptura de um dos interditos metaforizados por Freud no mito da horda primeva.

Ressalte-se, Sigmund Freud, ao tempo que recorre à cultura da antiguidade clássica, conforme constatado anteriormente, cria seus próprios mitos, a fim de significá-los e transpô-los para o âmbito social. O mito Freudiano destacado é ambientado em um agrupamento primitivo, onde o “pai” dominador subjugava os parentes e tinha domínio sobre as mulheres, o que ocasionava admiração e ódio, sentimento que provocou seu assassinato e posterior devoração, por parte dos que eram subjugados, com o intuito de adquirir sua força. Nesta ocasião a afeição recalcada transmuta-se em culpa e na percepção de que tal ato não deveria ser repetido.

Partindo do relato mitológico, supramencionado, Freud apresenta uma metáfora dos interditos ao incesto e assassinato, os quais são desrespeitados pelas personagens: Virgínia e Ismael, pois se este é incestuoso, e cúmplice no assassinato da enteada/sobrinha/amante. Aquela carrega em sua lista criminal, mais três homicídios, pois seus filhos com Ismael não tiveram a oportunidade de crescer, como Ana Maria, foram assassinados pela mãe ainda crianças, por serem negros e filhos de um homem que desprezara.

Se Ana Maria chegou à juventude, foi consequência de ser branca e filha de Elias, pré-requisitos para escapar do infanticídio; seu único erro, portanto, foi se deixar seduzir por

Ismael, padrasto/tio/amante; personagem que se aproveitando de sua cegueira constrói uma realidade paralela, onde este reina soberanamente.

Por meio dessas considerações, é possível observar além da ruptura dos interditos, propostos no mito da horda primeva, características da neurose, no que se refere à Virgínia, pois em suas primeiras reflexões Freud classificou os transtornos emocionais, denominados psiconeurose, em três grupos, caracterizando as neuroses, que nomeou atuais, como “transtornos emocionais resultantes da ausência ou inadequação da satisfação sexual” (POLETTI, 2012, p. 3), assertiva corroborada por (RAMOS, 2003, p. 20), pesquisador que a partir dos escritos freudianos defende: “[...] A angústia nos neuróticos pode ser seguramente relacionada à sexualidade [...]”. Tais pressupostos são comprovados através desta personagem, que vive angustiada devido à violência sexual sofrida pelo, até então, pretendente Ismael.

Essa associação impulsiona-nos a argumentação freudiana, enfatizada por Ramos (2003, p. 20), “[...] ‘isso é assombroso, mas só pode significar que a fonte da angústia não deve ser buscada dentro do psiquismo. Portanto se situa no físico, o que produz a angústia é um fato físico da vida sexual”.

Enquanto Virgínia apresenta esse quadro de “neurose de angústia”, em Ismael identificamos aspectos que remete à psicose, tendo em vista que enquanto ela estabelece uma “relação simbólica” com este homem, que considera, odioso, repugnante e desprezível; ele nega essa realidade, desconsiderando atos e palavras de sua amada que revelam esse ódio, criando uma pseudo-realidade e acreditando ser por ela amado, quando convém a Virgínia fazê-lo assim se sentir.

3 – MANIFESTAÇÕES DO FENÔMENO EDIPIANO EM ANJO NEGRO

As relações incestuosas, perceptíveis ao longo do drama Rodrigueano, além de refletida por Freud no mito da horda primeva foi, sobretudo, através da proposição do Complexo de Édipo. Na psicanálise Souza (2006, p. 135), em consonância com Laplanche e Pontalis, assim o define,

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto.

A nomenclatura do fenômeno pressupõe reflexões acerca do drama *Édipo-Rei*, tragédia atribuída a Sofócles. Filho de Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas, Édipo foi abandonado pelos genitores devido à profecia de que o filho do casal assassinaria o pai e desposaria a mãe. Temendo as palavras do oráculo, seus pais resolvem o abandonar em uma montanha, a fim de evitar esse trágico desfecho familiar.

O menino não morrera, encontrado por pastores é levado ao rei de Corinto que o adota como filho legítimo. Adulto, Édipo também consulta o oráculo de Delfos, com o intuito de conhecer seu destino, e é surpreendido pela mesma profecia. Assustado, foge da cidade em direção a Tebas, no caminho entra em conflito com um senhor e assassina-o; desconhecendo que acabara de iniciar a profecia, já que a vítima era Laio, seu verdadeiro pai.

O encontro com a esfinge é significativo, pois sela o destino das personagens. Ao decifrar o enigma do mostro, que aterrorizava Tebas, Édipo é eleito para o casamento com Jocasta, viúva de Laio e sua mãe, já que o prêmio para quem livrasse a cidade da esfinge era desposar a rainha. Consultando novamente um oráculo, na intenção de solucionar a violenta peste que assolava a cidade, Édipo descobre a verdade, fato que o fez cegar-se e leva Jocasta ao suicídio.

Conforme constatado, as personagens envolvidas nesse drama familiar, tentam a todo instante evitar a trágica profecia, porém em *Anjo Negro* deparamo-nos com personagens cruéis e perversas que não conseguem conciliar consciente/inconsciente, princípio de prazer/princípio de realidade, pulsão de vida/pulsão de morte, não limitando assim os desejos do Id, através das ponderações do Ego, e as restrições do Superego, conforme propõe Freud, em sua segunda tópica acerca da estrutura psíquica, ao perceber que esta era mais complexa do que a divisão em pré-consciente, consciente e inconsciente,

[...] O id é a fonte de energia pulsional (libido). Ele é inconsciente e regido pelo Princípio do Prazer. O ego faz a mediação entre os desejos do id, as impossibilidades da realidade externa e as interdições do superego. Está ligado ao Princípio de Realidade, por meio do qual o homem pode se tornar civilizado [...] (CARLONI, 2011, p. 4/5)

Dessa maneira, a síntese de inconsciente e consciente; princípio de prazer e princípio de realidade constitui a subjetividade do indivíduo, sendo estes fatores essências para a vivência nas sociedades civilizadas, onde os desejos inconscientes do Id e o princípio de prazer devem obedecer a contratos e regras sociais, pois a ausência destes culminaria no retorno ao estado primitivo.

A discussão proposta evidencia, o incesto constitui-se tema recorrente na literatura, mas saliente-se quão diferente é a postura comportamental das personagens de Sófocles, em relação às do texto dramático *Anjo Negro*. Na obra *O Canibalismo amoroso*, Afonso Romano de Sant'Anna reflete acerca da família permissiva e incestuosa, presente no poema *Vou-me embora para Pasárgada*, porém se a poeticidade empregada, por Manuel Bandeira, leva o leitor a simpatizar com o eu-lírico, que apenas deseja habitar uma terra encantada, onde possa concretizar todos os sonhos, o que não seria possível no mundo real; à tragédia Rodrigueana causa repulsa, pela naturalidade e inculpabilidade com as quais agem as personagens, que praticam atos cruéis, confirmando o que defende Freud em *O futuro de uma ilusão*,

Um número imenso de homens aculturados, que recuaria horrorizado diante do assassinato e do incesto, não priva de satisfazer sua cobiça, seu gosto de agredir e seus apetites sexuais; não deixa de prejudicar os outros por meio da mentira, da fraude e da calúnia caso possa permanecer impune. (FREUD, 2010, p. 29)

A certeza da impunidade e da cumplicidade do esposo, renomado médico, torna Virgínia fria, calculista e incapaz de esboçar arrependimento ou culpa pelos assassinatos dos três filhos, enquanto criança, e de Ana Maria; ou ainda pela coautoria no assassinato do cunhado Elias; pois descoberta sua traição, esta atrai o irmão do esposo para que o cônjuge pratique a sórdida vingança contra o mais inocente desse triângulo amoroso, já que essa mulher perversa o seduziu com o intuito de gerar para si um descendente branco, pois àqueles com as características físicas de Ismael, sempre nasceriam condenados à morte.

Tornando sua residência um castelo de horrores, onde habita uma “rainha louca”, Virgínia assume abertamente o desejo incestuoso por um filho ainda não nascido,

ISMAEL (*possesso, também, cortando a palavra da mulher*) – Tu o amarias não como mãe, mas como mulher, como fêmea!...

VIRGÍNIA (*no mesmo tom*) – Sim; como mulher, ou como fêmea! (*muda de tom lenta*) – Quando Elias me disse – “Ama meu filho como a mim mesmo” compreendi tudo. Compreendi que o filho branco viria para me vingar. (*com a voz grave*) De ti, me vingar de ti e de todos os negros! (*numa euforia*) Depois de crescido, ele pousaria a cabeça no meu travesseiro, perfumando a fronha... (*violenta*) Seria homem e branco!... (RODRIGUES, 1946, p. 70)

Nessa conversa reveladora, Ismael insinua que se o filho fosse cego, como era Ana Maria, Virgínia criaria para ele uma realidade paralela, de forma a se tornar a única pessoa na qual este confiaria. Saliente-se que tal insinuação, representa a atitude de Ismael em

relação a sua enteada, pois cegando-a, como fez com o irmão Elias, passou a seduzi-la, colocando-a até contra a mãe que não lhe devotara atenção e amor por um duplo motivo: a decepção, pois desejava um filho homem, e a atuação de Ismael que sempre a afastava de sua filha.

Sob a ótica psicanalítica, os sentimentos hostis revelados por Ana Maria em relação à mãe, são explicados através do Complexo de Édipo feminino, trazido ao centro da discussão através das considerações de Carloni (2011, p. 8):

O Complexo de Édipo feminino é distinto do masculino e menos trabalhado na teoria freudiana. Nele, a menina atribui a culpa da sua castração à mãe e desenvolve sentimentos de hostilidade para com ela. A menina elege o pai como objeto de amor, na esperança de que ele lhe dê o falo, que ela não possui. A castração, que finaliza o Complexo de Édipo masculino, dá início ao feminino.

É necessário elucidar que, o falo referendado não deve ser compreendido como o órgão genital masculino, mas como o poder, representado por esse gênero ao longo da história da humanidade. No que toca a obra em questão, se a relação incestuosa é perceptível ao longo da trama, essa é confirmada através das palavras de Ana Maria, que reagindo à tentativa de conciliação por parte da mãe, confirma o que até então estava subtendido,

ANA MARIA – Eu amo meu pai...

VIRGÍNIA – Mas não é desse amor que eu falo!

ANA MARIA (*subitamente feroz*) - É desse amor, sim!

VIRGÍNIA (*espantada, num sopro de voz*) – Não!

ANA MARIA (*apaixonada*) – [...] Ele já me amou assim [...] passa a mão por mim, pelo meu rosto, e sentirás que já fui amada... (RODRIGUES, 1946, p. 87)

O tom desafiador de Ana Maria impulsiona Virgínia a mostrar que ainda domina a situação, pois percebendo que não conseguiria dissuadi-la, tendo em vista que esta acreditara, unicamente, na realidade construída pelo pai/tio/amante; a mãe seduz Ismael convencendo-o a se livrar da filha prendendo-a no mausoléu que este havia construído, no jardim, para viver com Ana Maria; personagem traída pela única pessoa que confiara com um beijo; assim como fizera Virgínia antes de assassinar os três filhos. Rememora-se, dessa maneira, o inesquecível ato de Judas, quando traía Jesus. Pelo exposto, fica evidente, as personagens Rodrigueanas, em *Anjo Negro*, adotam um gesto de amor como prenúncio de morte.

Aprisionada, Ana Maria padece e morre, tendo encontrado o mesmo destino do pai, Elias, que como ela configurava-se empecilho para a felicidade do hediondo casal. Tal desfecho leva-nos a comparar Virgínia e Ismael com o pai primevo, soberano mítico criado por Freud, uma vez que, tanto nesse texto literário quanto na metáfora psicanalítica, cabe aos seres ficcionais, que convivem com estes, apenas o direito a subordinação, pois qualquer conflito pode resultar em suas mortes. No entanto, se na horda primeva o nepotismo encontra resistência, por parte dos demais parentes, em *Anjo Negro* deparamo-nos com o descaso e a impunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciados os fenômenos edipianos no texto dramaturgico, destacamos as particularidades inerentes as duas peças teatrais: a grega (*Édipo Rei*) e a brasileira (*Anjo Negro*). Se no caso da tragédia de Sófocles o pai é assassinado pelo filho e a mãe suicida-se, devido à culpa por ter desposado o descendente, na obra de Nelson Rodrigues, esta é responsável pela morte da filha, a qual apaixonou-se pelo pai/tio, conscientes do grau de parentesco que os unia, diferente do que ocorrera no drama grego.

Também se torna pertinente observar que se a cegueira é eleita por Édipo como castigo pela sua culpa; o renomado médico Ismael impõe essa condição tanto ao irmão, por inveja da sua “brancura”, como a Ana Maria, para que pudesse manipulá-la, vingando-se da mesma forma do pai e da filha.

É importante observar que a inaceitação e o preconceito, tomados como ponto de partida para refletir acerca da postura comportamental das personagens, não são utilizados pelo escritor a fim de justificar sobreposição racial, haja vista que tanto Ismael (negro) quanto Virgínia (branca) apresentam as contradições, qualidades e defeitos dos seres humanos.

Pelo exposto, torna-se notório que o tom moralizante existente em *Édipo Rei* é subvertido em *Anjo Negro*, tendo em vista que os assassinatos e o incesto ficam impunes. Assim defendemos a hipótese de que enquanto os mitos tomados por Freud tentam estabelecer um estado de natureza civilizado, o texto teatral, *Anjo Negro*, demonstra que a impunidade estabelece um retorno ao estado de natureza primitivo.

REFERÊNCIAS

BECKEL, Gilcia Gil. **Literatura e psicanálise: qual a relação?** Disponível em: <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2015.

CARLONI, Paola. **A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana.** Disponível em: <www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/download/27/15> Acesso em: 24 jun. 2015.

POLETO, Michele. **Neurose e psicose: semelhanças e diferenças sob a perspectiva freudiana.** Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/20/pebrev20_13_poletto.pdf> Acesso em: 01 jul. 2015.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro.** Disponível em: <<http://www.futuroalternativo.org/images/anjonegro.pdf>> Acesso em: 24 jul. 2015.

RAMOS, Gustavo Adolf. **Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

ROCHA, Everaldo. **O que é mito.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. **A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet.** Disponível em: <<http://www.scieo.br/pdf/pusp/v1n2/v17n2a07.pdf>> Acesso em: 01 jul. 2015.

SIGMUND, Freud. **O futuro de uma ilusão.** Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=637394&ID=629353> Acesso em: 06 jul. 2015.

WINOGRAND, Monah; MENDES, Larissa da Costa. **Mitos e origens na psicanálise freudiana.** Disponível em: <http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno27_pdf/18-CADERNOS_DE_PSICANALISE_27_2012_Mitos_e_origens.pdf> Acesso em: 24 jun. 2015